

**EDITORIAL**

A proposta do conceito de Antropoceno, por Crutsem e Stoermer, conquanto diretamente referida ao tempo geológico (e, portanto, à estratigrafia) e citando uma “geologia da humanidade”, se fez no contexto dos estudos das mudanças ambientais globais que, no início dos anos 2000, já vinham se desenvolvendo há algumas décadas. Desse modo, o que hoje pode-se chamar de “estudos do Antropoceno” é uma área ampla de pesquisa, certamente com forte fundamento nas Geociências e Ciências Ambientais, mas essencialmente multi e interdisciplinar.

O volume de 2016 da Revista UNG Geociências, cujo segundo número é ora apresentado, procura contribuir com tal novo campo do conhecimento, colocando-se como um veículo de divulgação dos estudos sobre o Antropoceno, em consonância com o espírito de pesquisa do Programa de Mestrado em Análise Geoambiental da UNG. Os artigos apresentados marcam-se pela diversidade dos enfoques, envolvendo a Arqueologia, a Geologia, a História, a Teoria da Ciência, a Ecologia, a Geografia.

Nesse contexto, Rubin e colaboradores, num enfoque geoarqueológico e arqueopaisagístico, no artigo “Contexto paleoclimático, dinâmica ambiental e sítios arqueológicos...”, discutem o processo de formação do registro arqueológico em função da dinâmica da paisagem e de processos tafonômicos nos próprios depósitos.

Vitorino e colaboradores (“Terrenos tecnogênicos do Jardim Fortaleza...”) apresentam os resultados do mapeamento geológico de terrenos tecnogênicos em uma bacia hidrográfica do município de Guarulhos, ocupada por um loteamento, demonstrando a viabilidade de aplicação dos conceitos e classificações adotados, bem como abrindo a possibilidade de que tais mapas sejam produzidos sistematicamente e em outras escalas, como já efetuado, por exemplo, pelo Serviço Geológico Britânico.

Peloggia e Ortega, no artigo “Recorrência Geohistórica...”, traçam um panorama de longa duração da interação entre a agência humana e suas condições geológico-geomorfológicas no Sudeste do Brasil, mostrando como a persistência de formas inadequadas de apropriação do território, perversamente condicionadas

pelas particularidades socioeconômicas, leva à degradação ambiental e aos desastres naturais.

Arruda e colaboradores (“Qualidade da água do lago Água Azul...”), por sua vez, tratam da degradação ambiental nos meios urbanos, especificamente nos recursos hídricos, certamente uma das consequências mais comuns e negativamente significativas da agência humana.

Um enfoque geoecológico também é apresentado por Torresani e colaboradores (“Análise da cobertura arbórea...”), em que se correlacionam a cobertura arbórea e a variação térmica no município de Guarulhos, o que implica diretamente na questão da qualidade de vida no meio urbano.

Já Peloggia e Ortega, na discussão dos fundamentos epistemológicos dos estudos do Antropoceno (“Lyell, a agência geológica humana e o Antropoceno...”), ressignificam a obra de Charles Lyell pioneiro da Geologia, mostrando como as contradições intelectuais enfrentadas pelo autor, à sua época, foram hoje superadas.

O artigo de Teruya e colaboradores, “Mapeamos das APPs...”, trabalha com outra abordagem central nos estudos do Antropoceno, qual seja a análise geoambiental de bacias hidrográficas, aqui especificamente no que diz respeito às áreas de preservação permanente, ou “nem tanto”.

Por fim, fecha-se o número 2 com o artigo de Torresani e colaboradores (“Elaboração de um sistema de informações geoambientais...”) retoma outro desafio enfrentado no Antropoceno (e conquanto já date, na verdade, de milênios): a gestão ambiental de áreas urbanas, um dos aspectos fundamentais na “reconfiguração” planetária atual.

O que há de comum nas contribuições apresentadas? Entende-se que todas elas, conquanto por meio de enfoques diferenciados, apresentam a mesma essência: discutem a relação entre a agência humana e a processualidade natural na configuração do estatuto ambiental contemporâneo do planeta Terra. É este o escopo fundamental dos estudos do Antropoceno.

Prof. Dr. Alex Ubiratan Goossens Peloggia

Prof. Dr. Antonio Roberto Saad